

WAGNER LOPES SANCHEZ
(ORG.)

**PRIMEIRA ASSEMBLEIA ECLESIAL
DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Primeira assembleia eclesial da América Latina e do Caribe /
organizado por Wagner Lopes Sanchez. - São Paulo : Paulinas, 2022.

Bibliografia

ISBN 978-65-5808-110-4

1. Concílios e sínodos 2. Igreja católica I. Sanchez, Wagner
Lopes

21-4790

CDD 262.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Concílios e sínodos

1ª edição – 2022

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*

João Décio Passos

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Projeto gráfico: *Claudio Tito Braghini Junior*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de
banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 — São Paulo — SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br>

editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo — São Paulo, 2022

Sumário

Introdução	
Por uma Igreja em sinodalidade	7
1. Assembleia Eclesial: questões emergentes para o futuro da evangelização na América Latina e no Caribe	11
<i>Dom Vicente Ferreira</i>	
2. A convocação de Francisco e a sinodalidade na Assembleia Eclesial: um olhar feminino	21
<i>Ivenise T. Gonzaga Santinon</i>	
3. O tema da Assembleia Eclesial: discípulos missionários de Jesus em saída.....	31
<i>Celia Soares de Sousa</i>	
4. Metodologia e procedimentos para a criação de uma cultura de sinodalidade	43
<i>Hugo Cáceres, CFC</i>	
5. As CEBs na Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe.....	49
<i>Marilza José Lopes Schuina</i>	
6. A (difícil) construção da sinodalidade na Primeira Assembleia Eclesial	63
<i>Wagner Lopes Sanchez</i>	

7. Do Concílio ao Sínodo dos Bispos, das Conferências Episcopais à Assembleia Eclesial.....	73
--	----

José Oscar Beozzo

8. Impasses e aspectos da Assembleia Eclesial: desafios de construir sinodalidade.....	87
---	----

Cesar Kuzma

9. A Igreja que Francisco não verá	99
--	----

Pedro A. Ribeiro de Oliveira

10. Caminhos para a sinodalidade eclesial	109
---	-----

Diác. Luciano Lima Santana

11. Desafios da recepção da Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe.....	123
---	-----

Celso Pinto Carias

Introdução

Por uma Igreja em sinodalidade

Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* os padres conciliares, ao falarem da Igreja como Povo de Deus (LG 9), antes de apresentarem a organização hierárquica da Igreja, queriam destacar a dimensão humana da Igreja e, ao mesmo, superar o clericalismo e valorizar a presença e atuação do laicato na Igreja Católica. O batismo insere todas as pessoas batizadas no meio desse Povo de Deus que tem a missão de anunciar o reino de Deus no mundo.

O Papa Francisco tem insistido também na necessidade de a Igreja superar o clericalismo. Ele já chegou a dizer que o clericalismo é uma perversão da Igreja. Quando falamos em sinodalidade apontamos para outro caminho muito distinto do clericalismo.

Os dois últimos sínodos, o da família e da Amazônia, de forma inovadora e por iniciativa de Francisco, tiveram uma primeira etapa de escuta dos vários segmentos. Para o próximo sínodo, convocado para 2023, também terá essa etapa que, inclusive, já está acontecendo. Mais do que isso o próximo sínodo é justamente para aprofundar o tema da sinodalidade: “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”. É o Papa Francisco dando à Igreja a oportunidade de se reinventar.

Uma Igreja sinodal é uma Igreja de portas abertas ao mundo, mas também a todas as pessoas batizadas que fazem parte da grande comunidade católica. Sinodalidade é caminho de comunhão que só pode ser feito com escuta, participação nas decisões e corresponsabilidade. Sinodalidade é caminho feito por mulheres e homens comprometidos com a mensagem de Jesus e que são corresponsáveis na

missão da Igreja tanto no que diz respeito às decisões como no que diz respeito à concretização das diferentes ações evangelizadoras.

Ao convocar um Sínodo para discutir o tema da sinodalidade, o Papa Francisco tem em mente que a dinâmica sinodal deve envolver toda a Igreja: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (*Discurso na Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015). Na mesma direção, o Documento Preparatório do Sínodo, faz uma interpelação que incomoda: “Como se realiza hoje, em diferentes níveis (do local ao universal) aquele ‘caminhar juntos’ que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada?”

É preciso olhar para a realidade das Igrejas locais sob a perspectiva da sinodalidade e verificar o que falta para sermos de fato uma Igreja sinodal com todas as consequências do que significa isso.

Quando, no dia 24/01/21, o Papa Francisco convocou a Igreja da América Latina e do Caribe para uma grande Assembleia Eclesial, que reunisse todos os segmentos eclesiais – leigos, religiosos e clero –, estava dando início a uma experiência inovadora na Igreja: a construção de um caminho comum onde laicato, religiosos e clero devem se colocar em parceria na tarefa de responder ao desafio de anunciar o reino de Deus ao mundo.

A Primeira Assembleia Eclesial, realizada no período de 21 a 28 de novembro deste ano, na modalidade *on-line*, faz parte desse novo espírito novo proposto por Francisco: a sinodalidade. A Assembleia reuniu 1036 pessoas das diversas igrejas locais da América Latina e do Caribe. Pessoas que trouxeram de vários lugares dores e esperanças, desejos e sonhos de uma Igreja que quer estar em sintonia com novas exigências históricas e novos sujeitos.

A importância da Assembleia está muito além de suas conclusões, muito além das tensões vividas. E abre as portas para uma

experiência de Igreja que pode responder de forma mais adequada às novas exigências históricas.

A Assembleia mostrou que a sinodalidade, fundada na ideia de que todos os cristãos têm a mesma dignidade, exige coragem e ousadia para acolher a todas as pessoas e à realidade onde estão inseridas com todos os desafios e contradições.

A escuta do Povo de Deus é o primeiro passo da sinodalidade. A construção do caminho comum coloca outras exigências. Assim, a Primeira Assembleia Eclesial foi o primeiro passo de um novo tempo de Igreja que pode inaugurar novos processos para uma Igreja mais fraterna e mais humana.

Este livro contém onze textos, sendo que dez foram escritos por pessoas que participaram da Primeira Assembleia Eclesial. São diferentes olhares sobre diversos aspectos da Assembleia, mas todos nasceram do desejo de construir um caminho comum para a Igreja da América Latina e do Caribe.

Desejamos que os vários textos sejam um convite para refletirmos sobre o significado da Primeira Assembleia Eclesial e sobre a importância de se construir uma Igreja que seja cada vez mais sinodal, uma Igreja em saída.

Wagner Lopes Sanchez
(organizador)

1. Assembleia Eclesial: questões emergentes para o futuro da evangelização na América Latina e no Caribe

Dom Vicente Ferreira¹

Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são os meus discípulos (Jo 13,35).

Discípulos missionários em saída, em uma Igreja toda ela ministerial. Foi com essa motivação que participamos da primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe. Caminho de escuta e partilha percorrido por nossas comunidades de fé. Éramos algumas centenas de pessoas, entre as que estavam presentes na Cidade do México e os que nos encontrávamos em formato virtual. Escutamos testemunhos, palestras e nos reunimos em grupos. Muitos foram os momentos de celebração e oração. O tecido de nosso encontro foi costurado pelo colorido diverso dos povos de nosso continente. Negros, brancos, índios e tantas outras expressões culturais e de fé. Sentimos a força de nossa Igreja, colhemos os desafios e nos animamos

¹ Dom Vicente Ferreira, bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, atua na Região Episcopal Nossa Senhora do Rosário, cuja sede está em Brumadinho, MG. Membro da Comissão de Ecologia Integral e Mineração, acompanha as comunidades atingidas por violações socioambientais. Poeta e escritor, tem doutorado em Ciência da Religião e pós-doutorado em Teologia. Participou da Assembleia Eclesial como assembleísta.

para os novos passos. Caminhar juntos! Esse foi um refrão que ecoou durante todo o encontro.

Os testemunhos, as partilhas, os relatórios dos trabalhos em grupos, as súplicas e os louvores resplandeceram o rosto de nossa diversidade cultural. A valente presença feminina e da juventude, a comunhão ministerial de leigos, padres, religiosos e religiosas, dos bispos e cardeais, mostraram a beleza de muitos processos de evangelização. Nossa missão nesse continente transborda a alegria do Evangelho. Muitas são as redes de comunidades que vivem a mística e a profecia do reinado de Deus, nascido da Páscoa de Jesus, sustentado pela força do Espírito Santo, que nos faz discípulos missionários. Contemplamos as luzes e também reconhecemos as sombras. O mais importante, renovamos as forças para continuar nossa caminhada.

Destacamos, ainda, a presença de uma Igreja que reza e luta para que nossos povos tenham vida e que a casa comum seja cuidada. Projetos que nascem do compromisso transformador de nossa fé cristã. A Assembleia foi um tempo de louvor, gratidão por tanta doação. Somos hospital de campanha, em complexas realidades, cumprindo a missão de ser sacramento de salvação para o mundo. Igreja samaritana. Sem dicotomias entre liturgia e transformação social, entre oração e vida, fizemos memória agradecida por todos os que se doaram em nome do Evangelho, em nossas terras. Quantos mártires, profetas, poetas, pregadores e construtores do Reino de Deus! Em nome de toda essa história, nasceram também inquietações. Os pontos que partilharemos, em seguida, estão encharcados da convicção de que, juntamente com toda a sociedade global, vivemos uma travessia, mudança de época. E no caminho, uma boa escuta supõe ter o coração aberto, para acolher os clamores que nos chegam. Muitos foram os encaminhamentos que nos ajudarão daqui para frente. Dentre os quais destacamos os seguintes.

Discípulos e missionários com novos sonhos sociais, culturais, ecológicos e eclesiais (cf. Querida Amazônia). O que é pedido de todos é conversão para que sejamos, cada vez mais Povo de Deus em saída para as periferias, sintonizados com o Papa Francisco, que nos convoca a darmos testemunho em prol da construção da fraternidade global e da defesa da Casa Comum. Tudo está interligado e somos habitantes e cuidadores da criação. Os retrocessos não podem ser maiores que nossos legítimos desejos de mudanças, inspirados pelo Espírito Santo e pelos ensinamentos socioambientais de nossa Igreja. A assembleia nos conclamou a continuar o caminho, visando também o sínodo sobre a sinodalidade, que já está acontecendo. É preciso transbordar, ir além das perspectivas construídas, pois habitamos um tempo cheio de novidades. Somos Povo de Deus e não podemos deixar nenhuma “realidade verdadeiramente humana” de fora.

Concretamente, foram escolhidas algumas prioridades. Elas revelam que desejamos que nossa caminhada continue atenta ao que afirmou o Concílio Vaticano II. Que “as alegrias e as esperanças, as dores e as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração” (*Gaudium et Spes* n. 1). Foi a partir dessa ótica que nasceram os desafios que também são nossas prioridades pastorais.

Podemos resumi-los assim. Proporcionar o encontro pessoal com Jesus Cristo encarnado na realidade do continente. Para isso, é necessário renovar, à luz da Palavra de Deus e do Vaticano II, a experiência de Igreja como Povo de Deus, em comunhão ministerial, que evite o clericalismo e favoreça a conversão pastoral. Impulsionar a participação dos jovens, das mulheres e dos leigos, dando-lhes protagonismo. Acompanhar as vítimas de injustiças sociais e eclesiais, destacando maior presença em relação aos povos indígenas, afrodescendentes,

refugiados, atingidos pelo sistema capitalista neoliberal, descartados por uma economia que visa ao lucro acima da vida. E reafirmar a prioridade por uma Ecologia Integral. Somos todos irmãos e irmãs na Casa Comum.

Muitos outros elementos foram propostos e que, certamente, serão compartilhados. A partir de tudo isso, apresentamos, segundo nosso entendimento, algumas questões emergentes e abertas, que julgamos merecer atenção especial. Sem preconceitos ou resistências, podemos debatê-las para um bom discernimento. Elas talvez tenham surgido ao longo da assembleia, mas consideramos que precisam ser escutadas com maior empenho. Quais seriam esses pontos abertos que interpelam o futuro de nossa evangelização?

Consideramos que uma das primeiras tarefas para o futuro é reforçarmos uma eclesiologia fundamentada no Concílio Vaticano II, nas cinco Conferências Episcopais latino-americanas e caribenhas e no Sínodo para a Amazônia. Juntamente com o legado do magistério do Papa Francisco, todo esse caminho compõe uma herança fundamental para os próximos passos. Legado do qual não podemos abrir mão. Sem uma boa assimilação de tudo que contém nesse longo processo, não avançaremos. Pelo contrário, seremos vítimas de doenças eclesiais como o clericalismo, o fundamentalismo, o catolicismo de massa, muitas vezes nos tornando vítimas de influenciadores digitais religiosos, distantes da comunhão eclesial. Submetidos a fragmentos religiosos, facilmente manipulados por uma cultura de mercado.

De onde nascem o clericalismo e as posturas extremistas de grupos e pessoas que pregam uma fé cristã personalista, intimista, com equivocadas eclesiologias? Não é da concepção de que lideranças, padres, bispos, ministros ordenados possuem um *status* especial que lhes dão poderes sobrenaturais? E por isso, há quem fale e aja como se tivesse autoridade absoluta, acima do bem e do mal, desconhecendo o corpo eclesial. E, assim, nos distanciamos da Igreja servidora,

amiga dos pobres, dos aflitos. Igreja que é composta de diversidade ministerial, que mais avança quanto maior for o senso de corresponsabilidade, de comunhão, de participação.

Não podemos abrir mão dessa convicção de que todo batizado tem a dignidade de fazer florescer o Povo de Deus, cada um com seu carisma, seus dons, sem essa de “maior” ou de “menor”. A grande profecia de nossas comunidades eclesiais de base e da teologia da libertação muito tem a contribuir com a experiência de uma fé encarnada na vida. E não podemos mais aceitar suspeitas preconceituosas em relação às mesmas. Ou, do contrário, seremos capturados por espiritualidades mágicas, tão presentes nos cenários neopentecostais, teologias da prosperidade que mais alienam nosso povo do que o aproxima do projeto genuinamente cristão. Nossos itinerários de oração, de intimidade com o mistério da Trindade santa, devem ser fontes de libertação, não de submissão para nossas comunidades de fé.

Para avivar uma Igreja da comunhão e participação, o continente latino-americano e caribenho tem força pastoral suficiente para avançar, em sintonia com a Igreja universal, em aspectos como uma nova catequese de nosso povo, nas pequenas comunidades, e com uma formação atualizada em nossos seminários. Catequese e formação encarnadas, que proponham caminhos de maturidade humana e cristã. Para que isso se concretize, pensar a ordenação de homens casados, os ministérios das mulheres, é fundamental para esvaziarmos posturas individuais e institucionais muitas vezes contaminadas pelos excessos “machistas”. As “cadeiras de decisão” precisam ser ocupadas pela presença feminina, por famílias, pela diversidade ministerial.

Nesse sentido, estamos convictos de que falar de protagonismo das mulheres é mais que simplesmente discutir cargos, funções. É nos comprometermos com uma mudança estrutural. Somos muito

marcados, como toda nossa cultura ocidental, pela força do homem branco, de descendência europeia. Foi dito que não existe uma Igreja latino-americana sem ser mariana. Então, a forte devoção de nosso povo para com Nossa Senhora não revela que a criatividade feminina é o que nos livra do enrijecimento, do peso das leis etc.? Em Maria não nos encontramos com a poesia, com a ética do cuidado, com a profecia da geração de um mundo novo? Maria de ontem, Marias tantas de hoje!

Na mesma direção, pensamos na realidade das famílias. Ainda não assumimos, de fato, as inspirações de *Amoris Laetitia*, principalmente no que ela nos incentiva a avançar na escuta das novas vinculações afetivas. Em muitas ocasiões falamos de família em contextos nos quais as pessoas não nos compreendem mais, principalmente as novas gerações. E tudo fica parecendo que somos uma comunidade de famílias ideais, existentes apenas nos discursos. E insistimos em repetir o que diz a lei. Impondo peso sobre ombros, já tão feridos. Ordenação de homens casados, ministério das mulheres, escuta profunda das novas vinculações familiares, são três elementos que gritam entre nós e que ainda não tivemos coragem suficiente de aprofundá-los.

Não avançaremos em nossa evangelização latino-americana se nossa pastoral não der prioridade a esse grande labirinto que se chama sexualidade humana. Quando falamos das questões de gênero, dos LGBTQIA+, destacamos que é importante tratar, com seriedade, questões que são polissêmicas e que não são resolvidas apenas por decreto. Nesse caso, sabemos que, quanto maior o peso da lei, maior a possibilidade da perversão. É impossível repensar a formação em nossos seminários, a catequese em geral, sem abordar os dramas concretos do vasto mundo dos afetos que afloram em nossos corpos humanos, nunca prontos, mas sempre em construção. Suicídio e depressão são realidades que tocam o misterioso mundo do sentido do

viver. Revelam o constante conflito entre pulsão de vida e de morte. Escolher o bem viver, para muitos de nossos irmãos e irmãs, não é tarefa simples, porque carregam dramas no coração, ou pelas faltas de oportunidades reais na sociedade.

Por isso, o futuro da evangelização, no continente latino-americano e caribenho, passará pela consciência, sempre renovada, de que todo batizado é configurado à pessoa de Jesus Cristo. De que, n'Ele, somos humanidade nova, chamados a desenvolver esse dom, essa graça em uma conversão pessoal e comunitária, continuamente. Desde nossas profundezas subjetivas, passando pelo compromisso social, até chegar à maturidade de nos reconhecermos todos irmãos e irmãs, cuidadores de uma casa coletiva, o planeta Terra. O discípulo é convidado a ter os mesmos sentimentos do Mestre, a fazer as mesmas opções que Ele fez em sua manifestação encarnada em nossa história. Não são poucos os exemplos dos Evangelhos que mostram Jesus tocando as feridas, aproximando-se, sem discriminação, dos pobres, dos doentes, dos desajustados e injustiçados. Esse é nosso ponto de partida: viver como Jesus viveu.

Não podemos nos acostumar com uma visão superficial da fé. O investimento em processos iniciais e continuados de formação cristã é fundamental. Sem isso, cairemos em incompreensões que comprometem o caminhar juntos. Os cenários virtuais, cada vez mais amplos e complexos, sem o cotidiano aprofundamento de nossa experiência cristã, acobertam narrativas pastorais que, em muitos casos, chegam a ser contraditórias em relação ao Evangelho da vida. Precisamente, nesse ponto, precisamos repensar nossa presença nas mídias. Sobretudo, com a pandemia da Covid-19, confirmamos como a tecnologia da comunicação está presente em nosso mundo atual. No entanto, corremos o risco de um excesso de presença nas redes sociais, sem que isso signifique uma evangelização consistente, justamente porque a comunidade é elemento fundamental em se tratando de experiência cristã. Não existe cristianismo sem corpo.

Trazemos também a constatação, como já foi muito reconhecido pela nossa teologia continental, de que, se, por um lado, os cristãos são maioria neste continente, por outro lado, convivemos, passivamente, com as chagas absurdas da injustiça social. Por que há tanta religião e pouca libertação entre nós? Uma importante tarefa para o futuro é buscar o “Reino de Deus e sua justiça” (Mt 6,33). Reinado da paz, do encontro das culturas, do diálogo sincero. Nosso continente espera da Igreja uma resposta clara, por exemplo, diante desse sistema econômico capitalista neoliberal injusto que impõe, cada vez mais, chagas aos corpos de nossos povos e da natureza. Somos, demasiadamente, subservientes de operações financeiras transnacionais. A soberania de nossos povos, de nossos indígenas, camponeses, quilombolas, clama por nosso grito profético, a partir de redes de comunidades eclesiais de base, formadoras de uma nova consciência cristã e cidadã. Ainda temos que pagar uma enorme dívida principalmente em relação aos povos originários e aos afrodescendentes.

As maravilhosas belezas e riquezas naturais que possuímos gritam por uma conversão ecológica global. O tema da Ecologia Integral não pode ser questão secundária, como se fosse assunto apenas de ambientalistas. Na verdade, o que nos apresenta a *Laudato Si'* é matéria transversal, que diz respeito a todos nós. E trata-se de uma proposta que muda, radicalmente, a maneira de nos relacionarmos com a natureza. Por isso, é tema que deve perpassar nossa liturgia, nossa prática cristã, e ser traduzido por atitudes concretas, pessoais e comunitárias. A Economia de Francisco e Clara deve ser assumida como novo jeito latino-americano e caribenho de tratar a economia. Alternativas que partam da soberania de nossos povos.

Agronegócio, extrativismo, monoculturas, quase sempre servem a grupos extremamente ricos. O turismo, a arte, as festas, a espiritualidade também são fontes de sustentabilidade em nosso

continente. A Igreja não pode se ausentar dos problemas concretos de nosso povo. De muitas maneiras ele já é sobrevivente de inúmeras agressões. Se, por um lado, somos peritos em ajudar os pobres, por outro lado, ainda temos um longo caminho a percorrer no quesito da denúncia das causas da pobreza e da destruição do meio ambiente. Vivemos, infelizmente, em um continente que sofre com o neo-colonialismo, inclusive, em nossa práxis pastoral. Não é raro termos parcerias, para manter nossas estruturas eclesiais, com organizações transnacionais poderosas, que matam nossa gente e ferem o meio ambiente. Somos coniventes com a injustiça, contradizendo nosso testemunho cristão.

Por fim, gostaríamos de destacar que a diversidade cultural, muitas vezes, sofre diante de uma globalização que domina povos e territórios. A Igreja, em nosso continente, não pode perder seu rosto particular. O que vemos, em cenários diversos, é a imposição de espiritualidades do norte global que enfraquecem a força de nossas tradições. Sofremos uma espécie de complexo de inferioridade em relação às culturas que nos dominam. É urgente que a teologia continue sendo pensada a partir de nosso território. A sabedoria popular não pode continuar sendo descartada em nome das chamadas “verdadeiras ciências” que importamos. Na caminhada sinodal, precisamos oferecer ao mundo o que é mais próprio de nós. Há um jeito latino-americano e caribenho de ser Igreja de Jesus Cristo, o que não descarta o diálogo com os outros aspectos da cultura global.

Assim, propomos que as mudanças ou virão das periferias, dos descartados, ou não virão. Essa nossa esperança mariana, poética e profética: o Senhor continuará fazendo em nós maravilhas, porque ele eleva os humildes. As feridas de nossos tempos é o lugar eclesial comum, para, outra vez, florescer a experiência de Maria Madalena e das outras mulheres. Ou seja, diante do absurdo de um túmulo frio, fechado com uma pedra pesada, imbuídas do desejo de verem

o Senhor, serem agraciadas pelos acenos da ressurreição, nascidos das chagas do vivente (Mc 16,1-8). Nosso endereço eclesial futuro ou será a vulnerabilidade de nossos povos e de nossos territórios, ou nos distanciaremos da força profética do Ressuscitado que nos lança a um mundo novo.

2. A convocação de Francisco e a sinodalidade na Assembleia Eclesial: um olhar feminino

Ivenise T. Gonzaga Santinon¹

Após ter sido adiada por causa da pandemia, a Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe foi-nos apresentada pelo Papa Francisco por meio de uma videomensagem, no domingo, 24 de janeiro de 2021. Ele disse: “Somos todos discípulos missionários em saída”. Com este lema, inspirado na eclesiologia do Concílio Vaticano II (1962-1965) e na Conferência de Aparecida (2007), ele se disponibilizou a acompanhar com particular atenção todo o Povo de Deus latino-americano e caribenho que reuniria nesse evento, na Cidade do México, de 21 a 28/11/2021.

Naquele momento da convocatória, na mensagem oficial, Francisco disse:

Gostaria de lhes dar dois critérios para acompanhá-los neste tempo, um tempo que abre novos horizontes de esperança para nós. Primeiro... que esta Assembleia não seja uma elite separada do santo povo fiel de Deus. Junto com o povo não se esqueça, somos todos parte do Povo de Deus, somos todos parte dele. O Povo de Deus que é infalível *in credendo*, como nos diz o Concílio, é o que nos dá a pertença. Do Povo de Deus surgem as elites, as elites iluminadas por uma ideologia

¹ Ivenise T. Gonzaga Santinon tem graduação e mestrado em Teologia e doutorado em Ciências da Religião. Professora na Faculdade de Teologia da PUC-Campinas. Assessora da Comissão Pastoral para o Laicato da CNBB. Participou da Assembleia Eclesial como assembleísta.

ou outra, e esta não é a Igreja. A Igreja se dá no partir do pão, a Igreja se dá com todos, sem exclusão. Uma Assembleia de Igreja é o sinal de uma Igreja sem exclusão... (VaticanNews).

Desta feita, inspirado nessa centralidade conciliar proferida pelo pontífice, o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho) tratou logo de planejar essa novidade, já que outras assembleias realizadas na América Latina e Caribe foram episcopais. Esta Primeira Assembleia Eclesial, com o tema “Somos todos discípulos missionários em saída”, foi convocada após 14 anos da 5ª Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Aparecida e que tinha como objetivo geral: “Contemplar a realidade de nossos povos, aprofundar os desafios do continente, reacender o compromisso pastoral e buscar novos caminhos em chave sinodal”.

Assim, a Conferência de Aparecida foi a inspiração em todos os momentos da Assembleia, e nós, delegadas e delegados, tivemos a preocupação constante de nela balizarmos o discernimento, as atividades do processo de escuta e as premissas nos trabalhos em grupos. A convocatória do Papa Francisco e o objetivo estipulado pelo CELAM nos indicaram a *sinodalidade* como chave de leitura para o discernimento das atividades e reflexões durante todo o tempo da Assembleia. Isso em razão da Assembleia Eclesial anteceder e ser parte integrante de um processo eclesial democrático chamado *Sínodo*. Convocado por Francisco em 10 de outubro de 2021, o 16º Sínodo dos Bispos se realizará no Vaticano, com término previsto para outubro de 2023, e terá o tema: “Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão”. A expectativa é que esse sínodo seja diferente de todos os anteriores e sejam ouvidas mais de um bilhão de pessoas católicas sobre o futuro da Igreja Povo de Deus. Muitos olhares serão necessários para que o Concílio Vaticano II não seja ocultado e Aparecida, esquecida.

1. Conhecendo o contexto da Assembleia Eclesial

Com um olhar feminino, de teóloga e, sobretudo, de leiga atuante na vida da Igreja, o objetivo aqui é refletir o contexto da Assembleia Eclesial e a índole missionária da Igreja (Vat. II, 17), não deixando desaparecer um importante desafio citado nos documentos conclusivos da Assembleia: a participação das mulheres na Igreja e no mundo, que, diante do contexto de clericalismo tão assinalado por Francisco, indica a necessidade de avançar para transformar as estruturas eclesiais.

Como o Concílio Vaticano II, a Conferência de Aparecida (DAp) propôs uma reviravolta na vida da Igreja, e ela teve Francisco – então bispo em Buenos Aires – na comissão de redação do Documento de Aparecida. Desde o processo de escuta da Assembleia, foi mostrado que muito precisava ser feito, pois, após quase quinze anos de Aparecida, havia questões cruciais que não tinham sido efetivadas. Entre elas, era assinalada a missão das mulheres em uma Igreja ainda clericalista, sacramentalista e segregada: “A Igreja está chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (DAp 11). Essa premissa foi sendo pensada em um contexto sociopolítico e religioso complexo.

Em função da pandemia, a assembleia teve o formato híbrido, com a participação de mais de mil pessoas, sendo 93% de participantes de forma virtual e 7% presencial. Entre eles éramos 94 delegadas e delegados brasileiros, e nós, mulheres, tivemos uma menor participação, 36% no total de participantes. Foram 64% de homens, sendo 20% bispos, 20% sacerdotes, 1,7% diáconos, 20% de religiosos e religiosas (ligados institucionalmente a congregações religiosas, irmãs, freiras, frades), e havia 0,7% pessoas ligadas a outras religiões. A faixa etária dos participantes foi de: 6% entre 20 a 30 anos; 30% entre 31 a 50 anos; 55% entre 51 a 70 anos; e 9% acima de 70 anos. A pessoa mais jovem tinha 17 anos e era representante da Pastoral

Juvenil do Equador, e a mais idosa, com 87 anos, era do Instituto Secular da Colômbia.

Em função dessa amostra de participantes se aponta o caráter formal da nossa eclesialidade, em que os homens majoritariamente estão na convocatória a partir da formalidade das estruturas hierárquicas. Nesse sentido, às vezes, as pautas relativas às mulheres não eram muito ouvidas, mas depois de debatidas, e de omissões e controvérsias em alguns grupos, eram citadas nas conclusões. Isso ocorreu mais de uma vez, contradizendo o texto de Conferência de Aparecida, o qual, já em 2007, pontuava as mulheres como maioria na Igreja (DAp 455) e que precisavam ser reconhecidas. O nosso olhar feminino nos grupos e a nossa fragilidade apareciam, mesmo tendo menor representatividade, naquela estrutura formal eclesial onde se discutia a sinodalidade.

Algumas perguntas foram levantadas: Aparecida é a nossa inspiração, conforme a convocatória de Francisco? Como romper com o nosso silêncio presencial e com a forma velada da presença das mulheres nos grupos, que é tão comum em nossas instituições de Igreja? Como lidaríamos com o processo de recepção da Assembleia, já que ali não acontecia efetivamente o método Ver-Julgar-Agir? Diante desse contexto, com esse olhar feminino, enxergava-se que a Assembleia Eclesial latino-americana e caribenha, à luz da Conferência de Aparecida, poderia sofrer interferências mais à frente. São questões que talvez encontrem respostas no processo de recepção da Assembleia Eclesial ou até na realização do Sínodo dos Bispos em 2023.

2. Sinodalidade

Na etimologia da palavra *sinodalidade* encontramos o seu significado no grego: “estar a caminho” ou “caminhar juntos”. Essa palavra tem sido utilizada mais frequentemente no mundo religioso para dar sentido a uma reunião de bispos. Na dinâmica do Reino

de Deus e no sentido de se pensar na caminhada do Povo de Deus, nesta Assembleia Eclesial o Papa Francisco quis tornar mais aberta a compreensão de sinodalidade e convocou uma assembleia eclesial antecedendo à tradicional reunião episcopal, o Sínodo que tratará do futuro da Igreja. Isso implica pensar que ele está tentando de diversas formas compreender a caminhada da Igreja além do episcopado, e isso requer uma vivência de todos na circularidade própria do Povo de Deus, inspirada em Jesus Cristo, em que todas as pessoas batizadas têm a mesma vocação e autonomia eclesial.

Trata-se da ideia de caminhar juntos, ou seja, um lugar onde leigas e leigos, religiosas e religiosos, seminaristas, diáconos, presbíteros, bispos e todas as pessoas do Povo de Deus que desejarem tenham a mesma chance de igualmente fazer parte das reflexões e do futuro caminho comunitário da Igreja Católica. É um caminho de igual representatividade, sem controles ou dominações hierárquicas, e pressupõe subsidiariedade, implica a participação de todas e todos nos ministérios, sem controle institucional ou amarras que possam contrariar o processo até o Sínodo em 2023.

E isso nos faz repensar a teologia da libertação e o próprio contexto da Igreja no continente latino-americano e caribenho. Implica transformar estruturas obsoletas nas nossas paróquias, nas comunidades eclesiais e no catolicismo popular, que precisa não mais ser medieval e petista, mas livre, responsável e autônomo. O ato sinodal nos impele a fazermos a radical opção própria do Evangelho pela cruz, pelos oprimidos, pelos pobres, pelas mulheres e todas as minorias. Se isso não fizermos, a sinodalidade não acontecerá.

Para essa compreensão, basta ver que Aparecida alargou o leque do Concílio Vaticano II tanto no método quanto no conteúdo. E na Assembleia Eclesial foi nosso dever ético e cívico falar de uma Igreja pobre para os pobres, em saída e na direção das periferias. Isso implica dizer que, na prática, entender a sinodalidade é viver

um processo de conversão estrutural que não pode ser interrompido e que não se trata apenas de mais um tema sobre um diálogo fraterno e sentimental entre diferentes, mas tem uma dimensão real, lógica de atuação e instrumental, segundo o próprio Evangelho, que age no cotidiano das nossas estruturas pastorais – na e da Igreja –, na ministerialidade e na responsabilidade de batizados/as e com a mesma igualdade.

Nesse sentido, com um olhar feminino para dentro das estruturas católicas, vejo com frequência que ainda hoje nós, mulheres, somos silenciadas em atitudes, falas e textos nas estruturas católicas. E isso ocorre desde uma formação teológica até a práxis na vida popular nas comunidades mais pobres, mesmo que nestes âmbitos algumas mulheres participem de alguns processos decisórios.

Desta feita, a novidade do tema da sinodalidade, por si só, foi uma verdadeira conversão pessoal e eclesial, uma inovação. À luz da fé, com a sinodalidade experimentamos a novidade do Espírito de Deus que nos surpreende agindo em nosso meio, como membros do Povo de Deus, de diversos, e que nos conduz por caminhos inéditos de conversão pessoal, comunitária e institucional. Ele tratou de uma Igreja sinodal na qual compartilhamos o chamado de sermos iguais e, como Jesus Cristo nos conduzimos, para a proximidade e ao diálogo com todos indistintamente, como discípulos e discípulas missionários em saída. Ou seja, procuramos agir não como uma Igreja apenas centrada nela mesma, submetida a um conjunto de regras, atuando no *ad intra*, apenas em liturgias e em obediência ao clero, mas estivemos refletindo o chamado para sermos sujeitos eclesiais, com a mesma dignidade eclesial recebida pelo batismo.

O Papa Francisco nos pediu atenção a um princípio básico da Assembleia. Ela não seria um evento segregador, com a participação apenas de pessoas escolhidas por uma elite “fiel”. Seria a convocatória a todo o Povo de Deus, pois “era para estarmos junto com o

povo”, como missionários e missionárias em saída e para as periferias eclesiais e existenciais.

A *sinodalidade* nos remeteu à nossa real caminhada, caracterizou a nossa própria convocatória, requereu a nossa persistência como representantes de uma autêntica Igreja Povo de Deus, de uma *práxis* por similaridade entre todos, característica de uma *eclesia* que “se entrega a todos, sem exclusão”.

Como Agenor Brighenti disse em sua conferência do dia 23/11:

A transcendência de Aparecida, pois, como o Pontificado de Francisco, é ter impulsionado o Concílio Vaticano II e nos desafiado a uma “segunda recepção” deste *kairós* no novo contexto em que vivemos. Como reconhecem os Bispos de Aparecida, “nos faltou coragem, persistência e docilidade à graça para continuar a renovação iniciada pelo Vaticano II e promovida pelas Conferências Gerais anteriores, em vista de um rosto latino-americano e caribenho de nossa Igreja” (DAp 100).

Esse evento foi um começo de um processo, que à luz da fé pudemos experimentar a transcendência de Aparecida e a novidade do Espírito de Deus que nos surpreendia dia a dia como membros de um Povo. Fomos conduzidos por caminhos inéditos de conversão, pois era a Igreja Povo de Deus, que se mostrava semelhante a Jesus Cristo, conforme o Concílio Vaticano II nos indica. Ali estiveram “as nossas alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias de hoje, sobretudo dos pobres e de todos e todas que sofrem; são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo” (GS 1). Como indica a *Lumen Gentium*, “Deus quer santificar e salvar a todos os homens e mulheres não individualmente, sem nenhuma mútua conexão, senão constituir-los em um Povo” (LG 9)

O chamado conciliar da Igreja Povo de Deus nos inspirou a irmos para além dos âmbitos eclesiais na Assembleia, pois a presença

viva da Igreja transcende o mundo latino-americano e caribenho. Ousou-se, de diversas formas, desafiar limites para romper com o que estávamos acostumados. O espírito sinodal nos delineou e a esperança nos moveu.

3. A sinodalidade, um esperar na caminhada do Povo de Deus

A nossa tarefa na Assembleia era realmente gigantesca. A sinodalidade era observada de várias formas e nos desafiava até nos diálogos nos grupos de *WhatsApp*. Quando controvérsias aconteciam, logo procurávamos deixar que o espírito sinodal prevalecesse. Dia a dia os avanços aconteciam e a esperança prevalecia.

Desde o processo de discernimento e de escuta, essa Assembleia se mostrou desafiadora e produtiva, pois, após quase quinze anos de Aparecida, se viu que muito ainda precisava ser feito para que todos os batizados tenham os mesmos direitos. E Francisco tem procurado recuperar essa eclesiologia (EG 111-114), ao afirmar que “ser Igreja é ser Povo de Deus” (EG 114), pois Deus nos elegeu e nos tem convocado como um Povo (EG 113) que se encarna nos povos da Terra (EG 115). Trata não apenas de uma concepção ecossociológica, mas da noção teológica de salvação de todo o Povo de Deus na mesma dignidade batismal.

A história do Povo de Deus e a da Igreja com os sínodos tem nos mostrado que não é fácil romper com velhas concepções eclesiológicas. O futuro da vida Igreja, em geral, dependerá também da conclusão dos trabalhos e da recepção dos conteúdos desta Assembleia.

Um olhar feminino como conclusão

Temos questões cruciais para a vida da Igreja em um futuro próximo. Entre elas, a missão e a situação das mulheres na Igreja chamam a

nossa atenção. Aparecida já havia assinalado essa urgência neste *locus* onde as mulheres são maioria (DAp 455), mas que, frequentemente silenciadas em suas falas, não ocupam as esferas de decisão. Notou-se que nem sempre tal discussão era ouvida, mas precisava da insistência para que o tema fosse discutido. E a nossa persistência mostrava a nossa missão de batizadas, tarefa primordial da Igreja e modelo inspirador da Igreja em Aparecida: “A Igreja está chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (DAp 11).

Não podendo ocupar o mesmo lugar dos homens nas instâncias eclesíásticas, fica evidente que, enquanto não formos respeitadas em nossa igual dignidade de batizadas, não conseguiremos buscar o exercício da nossa plena autonomia ministerial e, como leigas, teremos dificuldades para o exercício da nossa missão no Povo de Deus, que deve se estender a todo o mundo e por todos os tempos (LG 13).

Desta feita, a abertura proposta pelo Papa Francisco nos dá esperanças, pois, mesmo onde havia certa tendência de manutenção de estruturas eclesiais obsoletas, injustas, masculinizadas, voltadas mais para os âmbitos internos da Igreja, a Assembleia Eclesial mostrou caminhos a serem trilhados. Dentre os doze desafios finais, três deles nos deram esperanças: “Promover a participação ativa das mulheres em ministérios, órgãos governamentais, discernimento e tomada de decisões eclesiais”; “reformular os itinerários formativos nos seminários, incluindo temas como ecologia integral, povos nativos, enculturação e interculturalidade e pensamento social da Igreja”; “ouvir o grito dos pobres, excluídos e descartados”.

A convocatória da Assembleia Eclesial por Francisco sob o lema da sinodalidade nos impele a transformar o cenário da Igreja. Significa quebrar estruturais obsoletas, ouvir o silêncio das pessoas descartadas e respeitar a dignidade batismal de todas e todos. Isso nos diz o muito que ainda temos pela frente.

Referências bibliográficas

- CELAM. *Documento de Aparecida: Texto Conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas. 2007.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium: a Alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2013.
- VATICANNEWS. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-01/mensagem-papa-assembleia-celam-trujillo.html>. Acesso em: 05 dez. 2021.